

A educomunicação como voz das juventudes em situação de vulnerabilidade, no protagonismo da educação¹

Antonio Roberto CHIACHIRI²
Rafael Sad Assis CORRÊA³
Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)

RESUMO

O presente artigo tem como objeto a educomunicação e as juventudes. O objetivo é entender de que maneira a educomunicação pode contribuir para melhorar a educação, na voz das juventudes. A metodologia aplicada foi a pesquisa-ação, por meio da qual, com envolvimento dos (as) jovens que participam de organizações sociais, foi proposto um projeto de intervenção educacional. A partir do aprimoramento da escuta atenta das juventudes, e da acolhida de sua diversidade, percebeu-se que mais que respostas para determinadas questões, as juventudes pesquisadas, querem ser acolhidas, respeitadas, e acima de tudo, viverem.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Educação; Educomunicação; Juventudes; Acolhida;

JUVENTUDES E EDUCOMUNICAÇÃO

As novas conjunturas e sociabilidades, as quais estamos inseridos, exigem estudos ainda mais sistematizados e aprofundados acerca das condições que caracterizam essas ambiências. A quantidade de informações e o uso inadequado de padrões e de estereótipos prejudicam as leituras dessas realidades e, muitas das vezes, distanciam esses contextos reais (ou essas existências) e geram interpretações que são paradigmas e não conceitos fundamentados.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação XXIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Semióticista, Pós-doutor pela Université Paris 1 - Sorbonne, Doutor e Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Titular da Cátedra UNESCO de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo - Líder do grupo de pesquisa Semio Humanitas do PPGCOM/UMESP - Membro do conselho editorial da Revista Hermès - CNRS - França, Membro da ORBICOM (Rede das Cátedras UNESCO de comunicação), Membro do comitê científico da ORBICOM. E-mail: archiachiri@gmail.com

³ Educomunicador, atualmente professor de comunicação, design e multimídia com as juventudes no Ensino Médio Técnico e em cursos livres. Mestre em Comunicação pela UMESP, especialista em Juventudes no Mundo Contemporâneo pela PUC-GO, e também especialista em Comunicação e Design Digital pela ESPM-SP, bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Vila Velha UVV-ES. E-mail: rafaelsad0308@hotmail.com

Um grupo social rotulado, historicamente estigmatizado e marcado por grande diversidade é a juventude. Embora o Estatuto da Juventude de 2013 defina jovens como pessoas entre 15 e 29 anos, essa definição precisa ser ampliada para englobar outras características importantes, como as formas de organização, participação, os territórios que frequentam, seus rituais, vestimentas, comunicação e o uso de tecnologias.

Helena Wendel Abramo (2005) e Juarez Tarcisio Dayrell (2003), sociólogos pesquisadores da juventude, defendem a existência de "várias juventudes", reconhecendo a pluralidade de contextos sociais, culturais e econômicos que moldam a experiência juvenil. A pesquisa de Abramo e também de outros pesquisadores, apresenta quatro paradigmas sobre o conceito de juventude. 1) A juventude como período preparatório: valorizando a educação formal, mas reduzindo o jovem a um futuro em detrimento do presente; 2) a juventude como etapa problemática: focando nas questões de saúde e comportamento, mas simplificando e ignorando os contextos; 3) o jovem como ator estratégico do desenvolvimento: destacando o protagonismo dos jovens na transformação de seus territórios, mas negligenciando a cidadania; 4) e a juventude cidadã como sujeito de direitos: reconhecendo a singularidade do grupo e defendendo políticas públicas específicas, mas ignorando o potencial dos jovens como protagonistas na formulação dessas políticas.

O diálogo, defendido por Paulo Freire (1998) como ferramenta de transformação, é fundamental para compreender e trabalhar com a juventude, desprendendo-se de paradigmas e assumindo o papel de agentes com as juventudes, e não para elas e muito menos sobre elas. A tecnologia, presente em nossas vidas, facilita essa abertura ao diálogo, conectando pessoas, reconfigurando práticas e rompendo paradigmas, impulsionando o poder transformador dos sonhos.

Diante dessa nova realidade, onde a comunicação se descentraliza e as ferramentas se democratizam, é urgente repensar a relação entre comunicação e educação. O modelo tradicional, em que a mídia de massa detinha o poder (comunicação), e nas salas de aula o professor transmitia conhecimento de forma "bancária", cede lugar a uma nova ambiência que exige estratégias e métodos inovadores, valorizando a experiência dos alunos e seus repertórios prévios. E também nos espaços de comunicação, é evidenciar os contextos em que se encontram os "receptores". A convergência entre comunicação e educação exige que educadores e comunicadores explorem as potencialidades dessa nova dinâmica para otimizar os processos educativos e comunicativos.

A partir desse cenário, surge a necessidade de repensar a relação entre comunicação e educação num contexto de crescente influência das tecnologias contemporâneas. É assim que os pesquisadores do Núcleo de Comunicação e Educação – NCE, da ECA/USP, liderados por Ismar Soares irão iniciar um processo de “busca para além das tradicionais paredes pragmáticas, reconceitualizando a relação entre educação e comunicação e direcionando-a para uma educação cidadã emancipatória”.

Nasce então a educomunicação, um novo paradigma que busca superar a dicotomia entre comunicação e educação, reconhecendo a comunicação como parte essencial do processo educativo.

As raízes da educomunicação podem ser encontradas nos trabalhos de Mario Kaplún (1987) que propôs a pedagogia da comunicação, uma abordagem dialógica e centrada na participação dos educandos. Kaplún teve como inspiração o educador francês Célestin Freinet, que defendia um ensino libertador e conectado à vida real. Paulo Freire (1976), por sua vez, criticava a "extensão", um modelo de educação que simplesmente "estende" o conhecimento, e defendia o diálogo como ferramenta fundamental para a educação.

Soares (2011) afirma que a educomunicação é caracterizada pela coletividade, colaboração, diálogo e escuta ativa, horizontalização de poder, protagonismo e participação dos educandos, flexibilidade nos caminhos e estratégias, valorização da cultura e dos conhecimentos dos educandos, e reconhecimento da importância de todos os envolvidos no processo educativo. A educomunicação visa formar cidadãos críticos, reflexivos e capazes de construir o futuro a partir de suas próprias experiências e capacidades de comunicação. O papel do educador é o de mediar o conhecimento, incentivando a participação e o diálogo.

Bruno Ferreira destaca a importância da educomunicação para a formação de cidadãos críticos e responsáveis, capazes de lidar com a informação de forma reflexiva e ética. A educomunicação, e em especial a educação midiática, propõe uma educação "para e com as mídias", estimulando a participação social e o exercício da cidadania.

O presente artigo tem como objetivo geral entender de que maneira a educomunicação pode contribuir para melhorar a educação, na voz das juventudes. Para alcançar esse objetivo, a investigação se aprofunda em aspectos específicos, como a compreensão da percepção dos jovens sobre comunicação e educação e como eles vivenciam essa relação em suas experiências, ouvir diretamente os jovens para que eles

expressem como a comunicação pode auxiliar na melhoria da educação para sua própria geração, investigar a visão de jovens que participam de coletivos, sobre as contribuições do projeto para suas aprendizagens em sala de aula e conectar as contribuições dos jovens em relação às situações de aprendizagem com a proposta pedagógica da Base Nacional Curricular Comum - BNCC.

Para isso, o artigo será dividido em três partes: na introdução já foi apresentada pistas do referencial teórico utilizado a partir da metodologia da pesquisa exploratória e bibliográfica fundamental para aproximação e inserção no campo de estudos e conceitos da área. Feito isso, a metodologia usada será a da pesquisa-ação⁴.

Na segunda parte será apresentado um diário de bordo com um resumo dos principais acontecimentos da trajetória da pesquisa-ação, finalizando na terceira parte com uma análise do que foi ouvido a partir da proposta de intervenção piloto e também dos indicadores-chave definidos pelo grupo ao longo do processo.

O PROCESSO DE PESQUISA-AÇÃO: SURGIMENTO DO GRUPO DE PESQUISA “VOZ DE ALL”

Iniciamos essa segunda parte, situando-nos no espaço-tempo em que aconteceu o processo de pesquisa-ação. A organização social, Aldeia do Futuro⁵, localizada na Zona Sul de São Paulo, mas especificamente no bairro Americanópolis, possui 30 anos de história e de comprometimento com o território.

A organização é mantida por empresários, e tem como objetivo ser um espaço profissionalizante com programas voltados à solução de problemas sociais relacionados à educação, à cultura, à cidadania e à empregabilidade de adolescentes e jovens da região. Além disso, possui uma estratégia intergeracional que promove encontro de diversas faixas etárias sempre na perspectiva da missão, da visão e de valores da instituição.

Definido o espaço de atuação da pesquisa, a organização da investigação se deu em etapas. Após a realização da pesquisa exploratória, a metodologia da pesquisa-ação

⁴ A pesquisa-ação, na definição de Cicilia Peruzzo é uma metodologia de pesquisa que possui características como: o grupo sabe que está sendo investigado, mas também conhece os objetivos da pesquisa e participa do processo de sua realização. Ela implica em pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estarem envolvidos de modo cooperativo e participativo em todo processo, o que resulta em benefícios para o próprio grupo estudado, pois a pesquisa-ação ajuda na solução de problemas *In loco*. (PERUZZO, 2005, p.138)

⁵ As informações sobre a Aldeia do Futuro foram retiradas dos documentos disponíveis no site da organização, em especial o Planejamento Estratégico Ciclo 2021 – 2023.

foi aplicada, com a apresentação da proposta à equipe técnica da organização social, que colaborou na formação do grupo de pesquisa com adolescentes e jovens participantes. A metodologia da pesquisa-ação envolveu ativamente os adolescentes e o pesquisador no processo, estimulando a participação dos jovens como co-pesquisadores.

Tendo sido formada a equipe, foram realizados encontros para alinhar propostas, definir ações, metodologias e possibilidades. Com o plano definido, o grupo executou as ações, utilizando indicadores para avaliar os resultados. Após a execução, o grupo de pesquisa analisou os resultados, elaborando um projeto de intervenção tanto para a organização social pesquisada quanto para as escolas de Ensino Médio que os jovens participantes frequentam.

O intuito dessa parte do artigo é partilhar como foi o processo de pesquisa-ação.

O processo de divulgação do grupo de pesquisa aconteceu com o apoio dos (as) educadores (as), nas turmas que têm jovens no perfil do projeto. Os (As) educadores (as) fizeram uma breve partilha, contextualizando às turmas sobre a equipe de pesquisa e convidando os (as) interessados (as) a participarem do encontro de sensibilização.

Feita a divulgação, realizamos o encontro de sensibilização com o objetivo de trabalhar com a equipe jovem o conceito de comunicação e educação e as interfaces com a proposta pedagógica da Aldeia do Futuro. O resultado esperado foi expor para equipe jovem a proposta de pesquisa, a partir de um debate sobre comunicação e educação, e as interfaces com a proposta pedagógica da Aldeia.

Uma fala destaque para esse primeiro encontro foi: “Eu vejo isso como uma sabotagem do Estado para impedir que as pessoas tenham acesso ao ensino superior. O Ensino Médio deveria preparar para o vestibular, mas o Estado está dificultando para manter o controle, pois sabe que conhecimento é poder. Quanto mais a sociedade estuda, mais difícil será controlá-la.” (Participante do grupo).

O segundo encontro de sensibilização teve como objetivo definir uma proposta de ação para pesquisa. O resultado esperado foi escrever uma primeira versão do cronograma, objetivos e ações de pesquisa.

Após ambientação, fizemos uma dinâmica de brainstorming com a seguinte questão: “escola ideal tem que ter...” Cada participante recebeu uma folha pequena com um desenho de uma escola, e com a frase provocativa da dinâmica. De maneira individual, eles preencheram os papéis.

Uma fala chamou a atenção do grupo: "Eu acho que falta interesse dos professores em lidar com as diferenças de aprendizagem. Eu mesma, por exemplo, não sabia que tinha TDAH, só aprendi a ler e escrever na quinta série porque sempre fui deixada de lado, como se fosse uma 'café com leite'. A escola não se preocupava com as minhas dificuldades de aprendizado. Uma professora falava com a minha mãe – 'dá um estalo que ela vai aprender tudo!'" (Participante).

A partir de todas as conversas e provocações, o grupo sistematizou as ideias num papel cenário dividindo os problemas que existem na escola em três vertentes: 1. Saúde emocional – influências e família; 2. conscientização – por meio de aulas interdisciplinares e por parte dos alunos e alunas entenderem a importância da escola; 3. e empatia – inclusão e capacitação de professores. Nesse contexto, algumas alternativas educacionais foram pensadas pelo grupo: palestras, cartazes chamativos, aulas interdisciplinares, pesquisa de campo, pesquisa referencial e comunicação - elaboração de mídias e redes sociais.

Dois membros desistiram após os encontros de sensibilização: uma por causa do trabalho e a outra por achar que havia muito debate e poucas propostas concretas. Essa saída gerou a necessidade de pensar em ações para divulgar o grupo e atrair novos participantes. Uma das participantes convidou uma amiga, que demonstrou interesse, mas não certeza de sua participação. O grupo decidiu então realizar um evento na Aldeia para explicar a proposta, coletar ideias para o projeto e convidar novos membros, buscando superar a crítica da ex-participante sobre a falta de propostas concretas e manter a esperança de concretizar a ideia.

Para dar visibilidade ao grupo e apresentar a proposta à comunidade da Aldeia, foram sugeridas diversas ações: uma apresentação nas salas com um cartaz, uma dinâmica para compartilhar ideias, uma apresentação informal convidando as pessoas a participar, um jogo para tornar a apresentação mais dinâmica, um debate divertido com prendas, e um cartaz interativo para despertar a curiosidade. O objetivo principal era fazer com que as pessoas conhecessem a proposta do grupo e se engajassem.

Para isso, foram definidas ações como a criação de um nome e logo para o grupo, a explicação da proposta e do motivo da sua existência, a apresentação dos integrantes, a escuta das opiniões da comunidade através de perguntas-chave e dinâmicas, e a criação de cartazes de divulgação. Com base nessas ações, foram elaboradas quatro questões provocadoras para estimular o debate: "O que tem na Aldeia, que não tem na sua escola?",

"Qual o real motivo de ir para escola?", "O que pode melhorar na sua escola?" e "A 'culpa' é dos alunos ou dos professores?".

Interessante deixar registrado que, apesar das saídas e das desistências do grupo, a reunião para organização da proposta de divulgação foi bem empolgante, os três participantes presentes compartilharam, por quase duas horas, muitas ideias e muitas possibilidades.

Anotamos as principais sugestões e nos dividimos em duplas para já apresentar à coordenação da Aldeia a proposta e aprovar a execução, além de iniciar a confecção dos cartazes. Ao apresentar a proposta para coordenação da Aldeia, combinamos que iríamos nas salas, apresentaríamos a ideia e, em seguida, perguntaríamos aos jovens quem gostaria de participar de uma dinâmica especial e levaríamos os interessados para um outro espaço.

Antes do encontro, seriam colocados nas paredes os cartazes com as quatro questões provocadoras e com post its para interação. E a dinâmica seria um debate, também usando as mesmas quatro questões. Porém, em cada questão teria uma caixa com objetos divertidos para que a pessoa tire um e tenha que usá-lo no seu argumento no debate.

Para melhor identificação das ações que seriam realizadas, viu-se a necessidade de criar um nome para grupo e também um logotipo. Iniciamos, após o fechamento da ideia da atividade, um brainstorming para o nome.

A escolha do nome do grupo aconteceu de forma rápida e natural, a partir das palavras "evolução", "educação" e "voz", que resultaram em combinações como "evolução para educação" e "voz da educação". Lembrando da brincadeira de um dos membros no primeiro encontro, que imaginava o grupo no programa "The Wall" pedindo dinheiro para o projeto ao Luciano Huck, chegamos à ideia de chamar o grupo de "Voz de All". "All" significa "Aldeia" em abreviação, "todos" em inglês, e também tem a mesma fonética de "Wall", que significa "muro" em inglês. A escolha do nome "Voz de All" simboliza o desejo de que o grupo seja um espaço seguro, que surgiu na Aldeia, mas que busca ultrapassar os limites da instituição. O grupo quer ser um espaço onde todos e todas podem participar, ter voz, participar e ser protagonistas. Após a escolha do nome, o logotipo foi criado de forma colaborativa.

Concretizando as ideias tidas no encontro, o primeiro passo foi a confecção dos cartazes interativos. A proposta foi fazer um cartaz bem simples, onde as respostas às questões seriam as principais informações.

Concomitante com o fim da dinâmica dos cartazes, foi marcado o encontro de sensibilização para novos participantes. Algumas participações importantes: "A pressão me trava! O professor precisa se importar com as diferenças, não só com as notas. Já vi um professor filmar alunos escondidos, me senti invadido. Eles acham que sabem de tudo e às vezes são autoritários. E tem professor que vê bullying e finge que não está acontecendo." (Participantes)

Logo que se finalizou o encontro de sensibilização, fizemos uma breve reunião para acolher as novas participantes. Iniciamos a conversa agradecendo a elas a adesão e contextualizando-as da proposta do grupo de pesquisa "Voz de All".

O desafio, agora, era de costurar todas as ideias dentro de um projeto de intervenção dentro de uma proposta que tenha objetivo, meta, as etapas do processo e, também, os custos e recursos que serão necessários.

Após um resgate de todo o processo feito, o grupo identificou as principais necessidades e desafios que a escola enfrenta e resumiu a partir das seguintes palavras-chave: acolhimento, saúde emocional, reciprocidade, afeto, diálogo, estrutura física, interação, projetos de vida e segurança.

A partir daí, proposta é criar um projeto piloto, flexível e dinâmico, que possa ser adaptado a diferentes escolas e que seja liderado pelos próprios alunos. A ideia é promover um dia diferente e especial na escola, com foco em valorização e protagonismo juvenil.

Com essa inquietação, surgiu a ideia do "NVP - Nós priorizamos você!" A proposta é ter um dia em que possamos reunir alunos (as), professores (as) e equipe pedagógica (inclusive a direção), no início do ano, para definirem prioridades, escutar os (as) alunos (as). Seria um espaço importante para equipe pedagógica escutar as expectativas, os anseios e as sugestões dos (as) alunos (as), e legitimá-las em prioridades de ação.

Nesse dia, teriam oficinas, palestras e atividades protagonizadas e pensadas pelos (as) alunos (as), onde a culminância fosse uma espécie de "assembleia" de definição de prioridades, de construção coletiva de um plano de trabalho e de ação. A divulgação desse dia poderia ser pensada pela provocação: "Você se sente prioridade da sua vida?"

O objetivo geral do NVP é acolher e escutar os (as) estudantes. E os objetivos específicos: criar grupos NVP nas escolas e entender os alunos como protagonistas de suas histórias, e não só fazedores de trabalhos. Importante deixar registrado no projeto um parágrafo explicando o que é o NVP e quais são as atribuições, as possibilidades e as metas do grupo. Além disso, ter exemplos de possibilidades de ações, como show para arrecadar verba para uma melhoria na escola, escrita de uma carta para o prefeito cobrando melhorias estruturais.

Como indicadores de performance do projeto, iremos olhar para a quantidade de estudantes envolvidos (as), a quantidade de grupos criados e, de preferência, a quantidade de ações realizadas. Além disso, teremos um caderno, bloco onde as pessoas, ao final de cada ação, poderão registrar suas opiniões. Ademais, após uns dias, enviaremos uma pesquisa de feedback para continuar escutando os (as) jovens.

Além disso, foi pensado na criação de um instagram para o “Voz de All” com o objetivo de reunir boas práticas. A ideia central da rede social é que as escolas, ao realizarem as ações, enviem relatos para nós e a gente pública. Assim, criamos uma espécie de portfólio on-line e manual de boas práticas. Para iniciar, as publicações teriam o teor de explicar quem somos, quais os objetivos e a partilha das primeiras ideias.

No projeto piloto, teríamos dois workshops / oficinas, cada tema com um proposto atrelado às palavras-chaves, e também uma dimensão artística para ser trabalhada: ECArte (artes visuais) e Linguagem corporal e afeto (teatro e fotografia).

Após um todo o processo de debate em grupo, chegamos à conclusão da importância das oficinas e das salas temáticas em nosso projeto. Elas servirão de quebra-gelo, serão um espaço para “a galera se sentir segura”. E a partir dessa segurança, partilhar, se abrir e dizer o que pensa, dar ideias e opiniões.

A VOZ DAS JUVENTUDES NA CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA QUE ACOLHE

Após um processo de pesquisa e debate, o grupo "Voz de All" propôs a criação do projeto piloto "Nós Priorizamos Você!", ou NVP, um espaço dentro das escolas e organizações que visa valorizar e priorizar os jovens, criando um ambiente de escuta e protagonismo. O objetivo principal é acolher e escutar os estudantes, criando grupos NVP nas escolas e reconhecendo os alunos como protagonistas de suas histórias.

As atribuições do NVP incluem divulgar o projeto, acolher novos participantes, organizar e conduzir ações, dialogar com educadores, equipe pedagógica e outros grupos, além de pensar em novas ações de acordo com as necessidades locais. O grupo pode realizar diversas ações, como rodas de conversa, shows para arrecadar fundos para melhorias na escola, ou mesmo escrever cartas para autoridades solicitando melhorias estruturais, sempre alinhadas com a metodologia proposta pelo grupo.

O processo de pesquisa-ação, à luz do ideal educomunicativo, fez-nos perceber uma palavra central quando pensamos na escola ideal: acolhida. Acolhida esta quando falamos de respeito, de abertura ao diferente, de entender as diversidades. Nas diversas situações partilhadas pelos jovens que participaram dos espaços propostos pelo Voz de All nota-se uma similaridade: a capacidade destrutiva que uma fala de um(a) (as) professor (as) pode ter. Talvez, algumas pessoas possam justificar essas atitudes como falta de informação e formação adequada, porém diria que, além disso, falta comunicação, diálogo.

O documento “Vulnerabilidade e Educação” escrito pelo Núcleo de Apoio e Acompanhamento para a Aprendizagem - NAAPA⁶ traz o conceito de vulnerabilidade educativa, o qual é indispensável à nossa reflexão. Para os pesquisadores que compõem o núcleo, vulnerabilidade educacional é concebida como

...um conjunto de situações que fragilizam, interferem ou impedem as aprendizagens de bebês, crianças e adolescentes em razão do não atendimento de suas necessidades educacionais, fazendo com que estes sujeitos não tenham seu direito de desenvolvimento contemplado de forma digna e plena, uma vez que a educação é direito humano público, subjetivo, inalienável e universal. (NAAPA, 2021, p. 11).

O entendimento da vulnerabilidade educacional se dá, de acordo com o Núcleo de Pesquisa, em três estruturas básicas: 1) a física, composta pela estrutura das salas de aula, os espaços de integração e lazer, os refeitórios, quadras, banheiros, bibliotecas, pátios e

⁶ O Núcleo de Apoio e Acompanhamento para a Aprendizagem (NAAPA) atende às unidades educacionais da Rede Municipal de Ensino (RME) de São Paulo no desenvolvimento de práticas pedagógicas para crianças e adolescentes que, em virtude de situações sociais, culturais ou emocionais, encontram-se em sofrimento ou com significativos prejuízos no seu processo de escolarização. O núcleo atua com equipes multidisciplinares advindas da carreira do magistério municipal, psicólogos, psicopedagogos e coordenadores do NAAPA, em itinerâncias às escolas, em grupos de trabalho e na orientação quanto à articulação da rede de proteção social, objetivando a garantia de direitos de bebês, crianças e adolescentes, notadamente quanto à permanência, desenvolvimento e aprendizagem. Ele é vinculado à Coordenadoria Pedagógica – COPED. (Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/NAAPA/> Acesso em 12/02 às 20:18).

outros; 2) o (a) profissional, professores (as), (as) diretores (as), os (as) coordenadores (as) pedagógicos, a equipe de apoio e manutenção e 3) a pedagógica, currículo, proposta pedagógica, metodologia, materiais, formações, etc.

Consideramos pertinente o conceito de vulnerabilidade que o documento traz, pois, regularmente, pendemos a entender que vulnerável é aquele jovem em situações mais extremas – contexto também relatado na pesquisa, algumas falas foram preocupantes:

“Eu tenho um parceiro na sala que não tem o que comer em casa, se ele não comer na escola, passa fome”. (Participante).

Notem que no relato tem-se claramente uma situação de um (as), ou mais, jovens em situação de vulnerabilidade social. Às vezes, não estão passando fome, mas sofrem com a insegurança alimentar, de não saberem quando terão o que comer; e, conseqüentemente, a escola passa a ser o único espaço seguro para ter alimentação. Uma dúvida surge: será que dentro dessa questão da vulnerabilidade educacional, também é levada em consideração essas conjunturas? Um (a) estudante com fome, aprende?

Retomando, uma proposta que o documento aponta como possibilidade para o combate a vulnerabilidade educacional é permitir que os (as) estudantes ocupem a centralidade da prática educativa o que é

...assumir um posicionamento ético-político de enfrentamento às diferentes manifestações da vulnerabilidade e em especial a educacional, trata-se de enfrentar as incômodas, inquietantes, mas potentes indagações que poderão nos mobilizar em direção a uma educação transformadora e emancipatória. (NAAPA, 2021, p. 12).

Uma pergunta, pode nos inquietar: como saber se um estudante está em situação de vulnerabilidade? É fato que algumas vulnerabilidades são facilmente identificadas pela escola, algumas escolas possuem equipes técnicas interdisciplinares com assistentes sociais que conseguem extrapolar o olhar, entretanto outras vulnerabilidades residem no silêncio.

Se a linguagem, a voz e o alcance que elas têm marcam o nosso lugar, registrando, para o outro, o contorno de quem somos, o silêncio pode anunciar o apagamento do sujeito, bem como a sua invisibilidade. O silêncio não é vazio de significados, portanto, lê-lo faz se imprescindível, já que aquilo que não se diz, reverbera no barulho interior de quem pode estar vulnerável. É claro que a referência que se faz ao silêncio aqui é aquela que ganha visibilidade pela constante ausência do estudante nos debates e no dia a dia do grupo com o qual convive. (NAAPA, 2021, p. 16).

É esse silêncio, que a visão de comunicação e educação que o grupo de pesquisa colocou como antagonico. As juventudes querem ser escutadas, querem ter na escola um espaço seguro para falarem suas ideias, elaborarem projetos, darem visibilidades para suas identidades e escolhas, querem ser acolhidas.

Ao tratarmos de acolhida, duas falas no processo de pesquisa-ação podem ser destacadas: "A escola precisa ter acolhimento de mão dupla, não só dos professores para os alunos, mas também o contrário. Parece que a escola quer que todos sejam iguais e exclui quem não se encaixa nesse padrão." (Participantes).

É um grande anseio das juventudes, talvez um dos grandes temas em todos os momentos de debates ao longo do processo de pesquisa. A falta de aceitação e de acolhida na escola, tanto por parte dos (as) colegas, tanto por parte dos (as) professores (as). Para eles (as), a não acolhida é a causadora dos comportamentos agressivos, baderneiros, das crises de ansiedade e também da falta de vontade de alguns (algumas) professores (as) em estar em sala de aula.

Ressaltamos, nessa direção reflexiva, que a própria BNCC traz no início do capítulo específico do Ensino Médio um parágrafo orientando as escolas que para atender às necessidades da formação geral, tanto no que diz respeito à cidadania, quanto à inserção no mundo do trabalho, deve responder à “diversidade de expectativas dos (as) jovens quanto à sua formação; a escola que acolhe as juventudes tem de estar comprometida com a educação integral dos (as) estudantes e com a construção de seu projeto de vida”

Diante disso, destacamos que são dois pontos que a BNCC coloca como essenciais para responder à diversidade de expectativas dos (as) jovens quanto à formação: 1) a escola que acolhe os (as) jovens e é comprometida com sua educação integral e 2) a escola que contribui com a construção dos projetos de vida do (a) jovem.

O projeto de vida foi outro ponto muito debatido e trazido durante a pesquisa. Destacam-se algumas falas:

“O professor precisa saber um pouco de psicologia além da matéria dele, principalmente os de projeto de vida! Tem professor que não conversa com ninguém. Se eu tivesse uma educadora de projeto de vida na minha escola, já estaria voando! O objetivo é me ajudar a entender meu presente, passado e futuro, pra eu poder melhorar e realizar tudo que eu quero, alcançar meus objetivos mais rápido!” (Participantes)

Percebemos nesses destaques um grande desafio relacionado à ação de pensar em projeto de vida em uma escola em que professores (as) são engessados com dificuldade em escutar seus (suas) alunos (as). Acreditamos que, sim, falte capacitação ou, até mesmo, um profissional adequado para atender as expectativas que a área requer, todavia, ao destacar como pressuposto básico para uma educação de qualidade, temos um problema que precisa ser corrigido. Dayrell, em sua pesquisa sobre juventudes e escola, traz uma consideração importante sobre o tema

Parece-nos que os jovens alunos, nas formas em que vivem a experiência escolar, estão dizendo que não querem tanto ser tratados como iguais, mas, sim, reconhecidos nas suas especificidades, o que implica serem reconhecidos como jovens, na sua diversidade, um momento privilegiado de construção de identidades, de projetos de vida, de experimentação e aprendizagem da autonomia. Demandam dos seus professores uma postura de escuta – que se tornem seus interlocutores diante de suas crises, dúvidas e perplexidades geradas, ao trilharem os labirintos e encruzilhadas que constituem sua trajetória de vida. Enfim, parece-nos que demandam da escola recursos e instrumentos que os tornem capazes de conduzir a própria vida, em uma sociedade na qual a construção de si é fundamental para dominar seu destino. (DAYRELL, 2007, p. 1125 – 1126).

Ao retornar à BNCC, faz-se necessário finalizar essa parte da análise a fim de evidenciar o que a base traz como propósito para o Ensino Médio, que é “o aprimoramento do educando como pessoa humana, considerando sua formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.”

Para o desenvolvimento dessa autonomia, visando uma sociedade mais justa, ética e democrática, a BNCC afirma que a escola deve acolher as juventudes e garantir a promoção de um espaço que permita aos estudantes:

- conhecer-se e lidar melhor com seu corpo, seus sentimentos, suas emoções e suas relações interpessoais, fazendo-se respeitar e respeitando os demais;
- compreender que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas, e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história;
- promover o diálogo, o entendimento e a solução não violentam de conflitos, possibilitando a manifestação de opiniões e pontos de vista diferentes, divergentes ou opostos;
- combater estereótipos, discriminações de qualquer natureza e violações de direitos de pessoas ou grupos sociais, favorecendo o convívio com a diferença;
- valorizar sua participação política e social e a dos outros, respeitando as liberdades civis garantidas no estado democrático de direito; e
- construir projetos pessoais e coletivos baseados na liberdade, na justiça social, na solidariedade, na cooperação e na sustentabilidade. (BNCC, p. 466 e 467)

A partir dessas dimensões, desses objetivos e dessa estrutura de uma escolha acolhedora, definimos seis indicadores ou eixos de atuação para esboçar uma possível conclusão ou, quem sabe, o início de novas possibilidades. Os eixos que trabalharemos são: 1) Autoconhecimento e relações; 2) Compreensão da diversidade étnico-raciais que compõe a sociedade; 3) Promoção do diálogo; 4) Combate à discriminação e a violência; 5) Valorização da participação política e 6) Construção de projetos de vida baseados na justiça social.

Na voz das juventudes que participaram do grupo de pesquisa, a escola que acolhe é aquela que: “se preocupa com o bem-estar individual dos alunos, além do desempenho acadêmico. Que é uma escola humanizada, que se afasta do modelo tradicional e engessado. É onde o professor se importa com a vida dos alunos, oferecendo atividades extras e criando um ambiente de respeito e diálogo. Onde a escuta é fundamental, e a escola precisa agir com responsabilidade em casos de bullying, não ignorando os problemas e dando suporte às famílias.” (Participantes).

A partir da escuta dos (as) adolescentes e fazendo uma interlocução com as diretrizes que a BNCC traz como conceito, uma escola acolhedora é aquela que:

1. *Promove o autoconhecimento e as relações*: os (as) adolescentes não têm se sentindo seguros nas escolas para falarem sobre o que sentem, sobre os desafios que passam, ou simplesmente, sobre quem são. O autoconhecimento é de suma importância para o despertar da criatividade e também para a geração de vínculos. Durante as escutas, de maneira geral, os (as) jovens sentem falta de um espaço onde os (as) professores (as) desçam dos pedestais e se coloquem num mesmo nível para escuta. Na expressão deles, “a gente quer ser menos cobrado e mais ouvido”. Talvez para alguns (algumas) educadores (as) que tratam a educação bancária com certo preciosismo, isso soe como frescura ou falta de comprometimento das juventudes. Porém, é preciso se questionar enquanto educadores o quanto a criação de espaços seguros e a geração de vínculos pode potencializar as aprendizagens.
2. *Compreende a diversidade de etnias e raças que compõe a escola*: os relatos de bullying são muitos, alguns inclusive com finais trágicos. É preciso criar ainda mais espaços de debates sobre as diversidades presentes nas escolas, falar sobre racismo, homofobia e outros preconceitos que no Brasil são crimes. Não só por aí, é preciso pensar projetos sobre o tema não só que

envolvam os (as) estudantes, mas também que, cada vez mais, capacite os (as) professores a agirem imediatamente ao presenciarem ações de bullying dentro das salas de aula. Durante a escuta, também foram sinalizadas algumas posturas das famílias culpando as vítimas em situações de bullying. Também é preciso pensar em ações que envolvam toda comunidade a fim de que a educação e a comunicação precisem atingir todo território.

3. *Promove o diálogo e a escuta atenda de todos e todas:* é uma reclamação constante por parte dos (as) estudantes o foco dos (as) professores (as) na nota, na obrigação e a postura autoritária de muitos (as) deles (as). Algumas falas durante o processo apontam que determinados (as) professores (as) acreditam que dialogar e conhecer os (as) estudantes fragiliza a relação professor-aluno (a), o que reforça a postura autoritária. Os (As) jovens sentem falta de espaços em que eles (as) podem ser escutados (as), em que possam falar dos assuntos que gostam e protagonizar projetos idealizados por eles (as) mesmos. Rodas de conversas, bate-papo sobre atualidades, oficinas temáticas, show de talentos entre outras possibilidades de ações.
4. *Combate à discriminação e à violência:* vários relatos de escolas que acham que ser acessível é fazer uma rampa, falta falar e fazer múltiplas acessibilidades. Além disso, é preciso maior conhecimento por parte dos (as) professores (as) e equipe pedagógica em como lidar com os (as) jovens neuro-atípicos (as), os quais, constantemente, além de todas as dificuldades de aprendizado, também são vítimas de violência dentro da escola. Dessa forma, é preciso mais espaços com oficinas de comunicação e acessibilidade e formação para os (as) educadores (as).
5. *Valoriza a participação política:* vários estudantes, quando escutaram a proposta do NVP, disseram que sua escola até tem um grêmio, mas que não serve para nada, que não é escutado pela direção ou, até mesmo, que não tem, porque a direção não quer. A escola que acolhe incentiva a participação política, entendendo a política como parte social da vida, reforçando a ideia de que espaços deliberativos são necessários para os (as) estudantes se organizarem e entenderem a força do coletivo e da participação.
6. *Promove espaços para construção de projetos de vida baseados na justiça social:* o projeto de vida foi um dos pontos mais citados na pesquisa, talvez

uma das grandes dúvidas e insatisfação dos (as) jovens na escola. É preciso investir em profissionais capacitados (as) para conduzir a área do conhecimento a fim de compreender o projeto de vida como transversal as demais áreas e individual a cada estudante. A escola que acolhe está preparada para conversa sobre cada um desses projetos de vida.

O projeto de intervenção "Nós Priorizamos Você!" é flexível e se adapta às necessidades de cada escola, priorizando a voz dos estudantes. A busca por acolhimento e escuta revela a necessidade de garantir os direitos básicos dos jovens, especialmente o direito de sonhar, muitas vezes negado pela realidade. Com afeto e diálogo, podemos nos tornar interlocutores nesse processo, permitindo que os jovens construam seus sonhos com suas próprias capacidades, principalmente a comunicação. A pesquisa levanta inquietações e provocações que inspiram novas pesquisas e ressaltam a importância do afeto como elemento fundamental para um diálogo autêntico e transformador. Porém algumas questões e inquietações surgem desse processo:

A escuta ativa realmente pode transformar a realidade das juventudes? Será que a escola enxerga a saúde mental como um problema e investe em soluções? E o bullying, o racismo, a homofobia? Devemos depender apenas do direito penal ou investir em educação para lidar com essas questões? Será que os jovens não reproduzem os mesmos paradigmas que criticam? E se eles debatessem mais sobre isso?

A tecnologia está expandindo as salas de aula, mas será que não precisamos de menos alunos para garantir a escuta e o afeto? Professores estão preparados para lidar com áreas como projeto de vida? Existe investimento em profissionais qualificados para essas aulas? A educação é só responsabilidade da escola? Como as outras instituições estão contribuindo?

Comunicadores, mesmo os que acreditam na educomunicação, estão preparados para trabalhar com fala e escuta como "produtos"? O afeto precisa ser parte do ecossistema educacional? Será que precisamos de uma alfabetização para o afeto antes do letramento midiático?

O presente artigo, fruto do processo de pesquisa-ação com as juventudes, não teve como objetivo buscar apenas respostas para determinadas questões, mas sim, novas perguntas que nos aproximam das juventudes, que querem, acima de tudo, viver!

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. Em Abramo, Helena W., & Branco, Pedro P. M. (Orgs.), Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, Helena. **O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro**. In: FREITAS, Maria Virgínia de. **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo, Ação Educativa, 2005. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf> . Acesso em 18 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 01º jul. 2022.

DAYRELL, Juarez. **A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. 2007. Educação & Sociedade, 28(100), p. 1105–1128. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022>. Acesso em: 26 jun 2023.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação. 2003 (24), p. 40–52. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>. Acesso em: 26 jun 2023.

FERREIRA, Bruno de Oliveira. **Educomunicação e educação midiática no desenvolvimento da comunicação cidadã**. In MORAES, Cláudia Herte.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KAPLÚN, Mario. **Uma pedagogia da comunicação**. In: APARICI, Roberto (org.). **Educomunicação: para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 59-78.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens**. In: BORELI, Sivia H.S; FILHO, João Freire (orgs.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008, p. 9-32.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações.** Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

PERUZO, Cicilia Maria Krohling. (2005). **Observação participante e pesquisa-ação.** Em Duarte, J, Barros, A (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação (p. 125-145). São Paulo: Atlas.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO. Núcleo de Apoio e Acompanhamento para a Aprendizagem (NAAPA). **Vulnerabilidade e educação.** 2021. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/vulnerabilidade-e-educacao/> Acesso em 26 de out de 2023.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação.** Comunicação & Educação, 19(2), 15-26, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v19i2p15-26> . Acesso em 20 de março de 2022.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação.** Contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: Um campo de mediações.** Comunicação & Educação, São Paulo, (19), p. 12-24, set./dez. 2000.